

Vieira, M. H. (2001). Notas ao programa de concerto de António Saiote, Jed Barahal e António Rosad, de 23 de Julho.
In Câmara Municipal da Póvoa de Varzim (2001).

Programa do XIII Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim, 5 de Julho a 4 de Agosto de 2001.

Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim e Casino da Póvoa

23 de Julho - SEGUNDA-FEIRA - 21h30

Salão D'ouro do Casino da Póvoa | Póvoa de Varzim



Foto: João Francisco Vilhena



António SAIOTE | clarinete

Jed BARAHAL | violoncelo

António ROSADO | piano

António Pinho Vargas (1951)

"Quatro ou cinco movimentos fugidios da água"
para Trio de Clarinete, Violoncelo e Piano

(estreia absoluta da obra encomendada pelo Festival)

Luís De Pablo (1930)

"J. H.", para clarinete e violoncelo (1984)

1. Melodia

2. Tango

Bent Lorentzen (1935)

"Mambo", para clarinete, violoncelo e piano (1982)

• Intervalo (15 minutos)

Johannes Brahms (1833-1897)

Trio em Lá Menor, Op. 114

1. Allegro

2. Adagio

3. Andantino gracioso

4. Allegro

Patrocínio:  **EDP** Distribuição
Energia S.A.

Notas ao programa

"Quatro ou cinco movimentos fugidios da água". Antes de começar a compôr o Trio ouvi os Trios de Brahms e Beethoven para me colocar na sonoridade desta particular formação instrumental. Admirei as obras, especialmente a de Beethoven, que já não ouvia há muito tempo, mas percebi claramente que, para esta obra, as referências aos clássicos estavam-me vedadas. Enquanto, por exemplo, nos meus dois Ciclos de Canções de António Ramos Rosa de 1995 e Albano Martins de 2000, a sombra de Schubert e Schumann não tinha constituído um peso mas antes uma leveza. Neste caso o caminho tinha de ser outro. Cada peça reclama, sem dúvida, o seu modo de ser, o seu universo. Por outro lado os "Quatro ou cinco movimentos fugidios da água" estão ligados pela proximidade cronológica à obra para piano solo "Holderlins". Trata-se de uma peça sobre as variações de movimento que a água do mar proporciona, desde que haja disponibilidade para olhar para ele, da aparente imobilidade profunda dos fins de tarde, até à agitação impressionante das tempestades. Não fiz nenhum estudo das periodicidades fractais das marés. Penso que a arte não tem como objecto a natureza, mas a memória dela, ou a própria memória da arte.

António Pinho Vargas

Os cursos de Verão de Darmstadt revelaram-se, nos anos sessenta, como um importante ponto de encontro dos compositores de vanguarda de diversos países. Bruno Maderna, Pierre Boulez, György Ligeti, Karlheinz Stockhausen, todos passaram por esses cursos, atraindo compositores de proveniência tão variada como Portugal, a Espanha ou a Dinamarca.

Dois dos compositores apresentados hoje no programa, **Luis de Pablo** (1930) e **Bent Lorentzen** (1935), são compositores que receberam influências de Darmstadt, nomeadamente ao nível da experimentação electroacústica e das técnicas serialistas.

Luis de Pablo nasceu em Bilbao. Começou os seus estudos musicais muito jovem, e estudou depois Direito na Universidade Complutense de Madrid, onde se diplomou em 1952. Enquanto advogado da companhia aérea Ibéria, Luis de Pablo prosseguiu os seus estudos musicais e da composição como autodidacta. Durante os anos 60 desenvolveu uma intensa actividade de promoção da música moderna no seu país, como conferencista, analista (principalmente das obras de Webern), tradutor da biografia de Schoenberg por Stuckenschmidt, e dos principais escritos de Webern, então inéditos em Espanha. Foi o fundador dos concertos "Tiempo y Musica" em 1959 (onde se estrearam obras como as três sonatas para piano de Boulez e *Zeitmass* de Stockhausen) e do grupo *Alea* em 1965, que desenvolveu o primeiro estúdio electroacústico espanhol. Entre 1960 e 1963 organizou também os Concertos das *Jeunesses Musicales* e, a partir de 1964, uma bienal de música contemporânea. Para além da frequência dos cursos de Darmstadt, Luis de Pablo recebeu, em Paris, influências de Max Deutsch, antigo aluno de Schönberg. Com toda esta actividade, contribuiu para que a Espanha saísse do isolamento cultural em que tinha mergulhado com o franquismo, e introduziu o serialismo num país que estava ainda retido numa inspiração musical folclorista à maneira de Falla. É um compositor que, sem recorrer ao uso de instrumentos étnicos ou exóticos, manifesta, sobretudo a partir dos anos 70, um grande interesse pelas linguagens musicais de diversos países. Surge nesta linha a obra "J. H." para clarinete e violoncelo (1984), de inspiração na canção urbana e no tango argentinos.

Bent Lorentzen, compositor dinamarquês nascido em Stenvad, apresenta percursos e interesses semelhantes ao espanhol Luis de Pablo. Para além da influência dos cursos de Darmstadt de 1965, que o levaram a afastar-se cada vez mais da composição convencional e a dedicar-se à música electrónica, Lorentzen manifesta também uma grande receptividade a géneros e linguagens musicais remotas. A sua descoberta da América Latina, durante uma viagem nos finais dos anos 70, marcou o despertar de um interesse por novas melodias e ritmos, os quais procurou incorporar nas suas obras. O seu Concerto para oboé, bem como a peça *Mambo*, incluída no programa de hoje, são exemplo dessa fusão de uma linguagem contemporânea com elementos latino-americanos.

A composição do *Trio para clarinete, violoncelo e piano*, op.114 (1891) de **Brahms** terá estado ligada ao facto de ter sido nessa fase adiantada da sua vida que o compositor conheceu Richard Mühlfeld, clarinetista da orquestra de Meiningen. Para além do Trio op.114, terá sido sob a influência desse conhecimento que Brahms terá composto também o Quinteto para clarinete e cordas, op.115 e as duas sonatas para clarinete, op.120, 1 e 2 – obras que têm especial relevância no corpus da literatura para clarinete. O Trio op.114 viveu durante muito tempo ofuscado pelo Quinteto para clarinete e cordas, op.115, que também data de 1891. No entanto, à época de Brahms, este trio conheceu um grande sucesso, nomeadamente na interpretação do compositor ao piano, com Mühlfeld no clarinete e Hausmann no violoncelo. A combinação destes três instrumentos de timbres tão heterogêneos resulta por vezes num esforço visível de conjugação dos respectivos âmbitos em diversas passagens. De uma maneira geral, e muito particularmente logo ao início do segundo andamento, pode observar-se esse esforço, na entrada do violoncelo num registo grave, que é

correspondido pelo piano. O registo grave constitui, aliás, uma preferência recorrente de Brahms, a qual, associada a uma omnipresente densidade harmónica, contribui para a caracterização do estilo do compositor.

M. Helena Vieira

António Saiote

António Saiote nasceu em Loures e iniciou a sua actividade musical na Banda da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Loures. Terminou o Curso do Conservatório de Lisboa, com 20 valores, na classe de Marcos Romão. Foi bolseiro da Fundação Gulbenkian em Paris, onde estudou com Guy Deplus e Jacques Lancelot. Em Munique, foi-lhe concedido o Meisterdiplom da "Hochschule" com Gerd Starke.

Estudou com Arturo Tamayo na Universidade de Alcalá de Henares onde se especializou em Direcção de Música do século XX. Fez também seminários com Georges Hurst e Robert Houlihan em Canford, Inglaterra.

Foi laureado no concurso Novos Valores da Cultura. Foi solista e músico convidado de várias orquestras e grupos de câmara, tanto nacionais como estrangeiros: Orquestra Mundial da Juventude, Sinfónica de Zurique, Teatro Nacional de S. Carlos, Nice, Rádio Baviera, Sinfónica de Xangai, Gulbenkian, RDP Lisboa e Porto, Orquestra Nacional do Porto e Sinfónica Portuguesa, GMCL e Oficina Musical e Ensemble Português de Clarinete, do qual é director.

Fez várias estreias mundiais de autores portugueses e estrangeiros: Luciano Berio, Pavarotti, Klaus Thunemann e Karl Leister, são algumas das personalidades que lhe concederam o seu aplauso público. Actuou em duo com Pedro Burmester.

Já dirigiu a Orquestra Sinfónica Juvenil, Orquestra Invicta, Orquestra do Norte, Orquestra Clássica do Porto, Orquestra Sinfónica Portuguesa, ESMAE, Filarmónica das Beiras e Escola Profissional de Viana do Castelo. Dirigiu Masterclasses na Alemanha, Brasil, Polónia, França, Chile, Argentina, China, Macau, Bélgica, Hungria, Índia e Espanha.

Assistente da Orquestra Inter-Regional em Baden-Württemberg em 1992 e 1994 com o Maestro Nicolas Pasquet. Dirigiu também a Orquestra Sinfónica Portuguesa, sendo citado pela crítica como "... a prova de que um excelente clarinetista poderá tornar-se em excelente maestro". Dirige, neste momento, a licenciatura em clarinete na ESMAE e na Universidade Católica.

Foi presidente do júri nos concursos de Setúbal, Gaia e Porto, assim como membro de outros concursos nacionais e internacionais. Presidente do prémio Valentino Buochi em Roma (1992) e membro do júri dos concursos Oktav Poppa na Roménia (1993), Toulon (1997) e Sevilha (1998). É Presidente da Associação Portuguesa de Clarinetes, foi fundador e Director Artístico dos Solistas do Porto.

Trabalhou como assistente do Maestro Ivo Cruz nas óperas "Don Giovanni", "Madame Butterfly", "Barbeiro de Sevilha" e "Elixir do Amor".